

## ARQUÉTIPOS, INCONSCIENTE COLETIVO E A BUSCA DE SI

Maria de Lourdes Oliveira Reis da Silva<sup>1</sup>

A Psicologia Analítica se configura como uma abordagem que valoriza os aspectos espirituais do indivíduo em sua busca de si, enquanto passageiro do processo de individuação, experiência transitória que propicia a cada um, o cumprimento de sua designação no mundo, o reencontro com seus propósitos, sua busca, seu vir a ser.

A partir dos seus estudos, Jung concluiu que os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência, têm caráter hereditário e interferem na vida do indivíduo, possibilitando, a partir das experiências pessoais em interações com outros, em diferentes contextos sociais e culturais, a formação dos complexos. Jung (2014, p. 51) define inconsciente coletivo como “uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. [...] constituído essencialmente de arquétipos”. São, portanto, preexistentes ao nascimento e, enquanto os conteúdos do inconsciente individual são fruto de experiências atuais reprimidas, encobertas, os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos. Formas presentes na psique. Em estudos da pesquisa mitológica aparecem como “motivos” ou “temas”. Na psicologia dos primitivos como “representações coletivas e nos estudos das religiões comparadas, como “categorias da imaginação”. A visão holística de inconsciente coletivo o descreve como o corpo Búdico ou *Budhi*, inconsciente passado ou inconsciente arcaico. (Ibid. p. 51-52).

Para o autor, os arquétipos são “conteúdos do inconsciente coletivo” (padrões de comportamento) organizadores dos processos psíquicos inconscientes, desenvolvendo “efeitos numinosos” expressados na forma de “*afetos*”. Conteúdos arquetípicos, muitas vezes de natureza primitiva, surgem inesperadamente encontrando modos de expressão no afeto. As imagens do inconsciente possuem realidade própria e a consciência do eu constitui-se em nosso mundo, um campo numinoso centrado no eu.

---

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Psicopedagogia pela Universidade Católica de Salvador. Arteterapeuta pelo Instituto Junguiano da Bahia.

A visão espírita sobre nós, seres humanos que trilhamos caminhos evolutivos em busca de um vir-a-ser, fala sobre uma memória de experiências de vidas passadas, que, embora esquecidas, interferem de modo expressivo na vida atual, podendo-se chamar de arquétipos do espírito em evolução, que vivenciou diferentes momentos e contextos histórico-sociais. Os conteúdos dessas experiências se acumulam no psiquismo como uma instância da alma que luta e caminha em busca da construção de Si. Mantendo-se nas sombras do esquecimento, essa instância da alma define condições e estratégias de vida, interfere nas escolhas da vida atual e nas relações com outras almas que compartilham o seu processo evolutivo.

O reencontro com a alma é uma busca que precisa ser vivenciada na experiência da individuação, como construção do ser em si-mesmo, que se revela como a própria alma em cada etapa de sua itinerância no mundo. "Como um viandante cansado, que não procurou nada no mundo a não ser por ela, devo [...] aprender que por trás de tudo está, em última análise, minha alma, e se eu percorrer o mundo, acontecerá no fim que encontrarei minha alma". (JUNG, 2015, p. 120).

O encontro com a alma é uma necessidade imperiosa para que o processo de individuação possa constituir-se como a busca do ser no mundo, e Jung diz que para isto não basta a erudição, necessitamos de um "saber do coração". Esse saber nos conduz ao encontro de almas, umas diante das outras numa relação de busca, em que, ao decifrar conteúdos do inconsciente coletivo (arquetípicos), poderemos empreender o encontro de si no mundo.

E ele conclui que a linguagem da alma são os sonhos, as palavras-guia que impulsionam em busca do "saber do coração", que nasce da própria alma, que pode ser bom ou mau. E o bem decide como devemos agir, não o nosso bem, mas o bem dos outros.

## **REFERÊNCIAS**

JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. 4. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2015. Edição sem ilustrações.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 11. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.